

## Corpos envelhecidos, porém desejosos de coexistência colaborativa, em duas narrativas de Hilda Hilst

*Aged bodies, yet desirous of collaborative coexistence, in two Hilda Hilst's narratives*

Jorge Alves Santana

**RESUMO:** O texto literário é dinamizado pelo dialogismo crítico entre possibilidades estéticas e chamadas para transformações sociais, feitas por nossa contemporaneidade. Nesse quadro, observaremos representações e estratégias do envelhecimento e da velhice nas narrativas *Agda e Estar Sendo. Ter sido*, de Hilda Hilst. Memória, construção de coexistências intergeracionais e colaborativas, corpos desejantes, finitudes estoicas e infinitudes kairológicas são os eixos que predominam nessa proposta de leitura.

**Palavras-chave:** Hilda Hilst; Velhice; Dispositivos de subjetivações.

**ABSTRACT:** *The literary text is streamlined by the critical dialogism between aesthetics possibilities and callings for social transformations, done by the community. In this picture, we will observe representations and strategies of ageing and elderly in Hilda Hilst's narratives Agda and Estar Sendo. Ter Sido. Memory, the construction of intergenerational and collaborative coexistence, desirous bodies, stoic finiteness and kairológicos infinities are the center line that prevails in this reading proposal.*

**Keywords:** *Hilda Hilst; Old; Subjectivations' device.*

## Introdução

“[...] e eu choro, Hermínia, choro do velho que estou ou que me sinto, choro porque não sei a que vim, porque fiquei enchendo de palavras tantas folhas de papel... para dizer o quê, afinal?”

Hilda Hilst. *Estar sendo. Ter Sido*, 2006, p. 29.

“Aguém lhe toca, minha senhora? Mil perdões, senhora, não quis dizer, luvas quem sabe, ajudariam? Mil perdões, senhora, não quis dizer, enfim quero dizer que para revitalizar essa espécie de flacidez, assim na sua idade, cinquenta? Cincoenta e cinco? Enfim essa espécie de flacidez não tem solução, minha senhora, a música erudita, quem sabe...”

Hilda Hilst, *Agda*, 2002, p. 21.

“A literatura não cessa de comentar o caráter *intolerável* das situações banais, já que ela é precisamente a palavra que faz de uma relação corrente uma relação fundamental e desta uma relação escandalosa.”

Roland Barthes, *Crítica e verdade*, 2007, p. 194.

A literatura de Hilda Hilst, através do paradigma estético perspectivado por questões socioculturais, trata de temas variados. Aqui, focaremos as questões do envelhecimento, da velhice, dos exercícios e meditações sobre as finitudes e infinitudes da pessoa idosa.

Inseridas historicamente em temporalidade cronológica, as personagens de *Estar sendo. Ter sido*, assim como de *Agda*, serão deslocadas para as dimensões críticas e produtivas do tempo kairológico, aquele da dialética hibridizada entre passado, presente e futuro. Este deslocamento otimiza condições de observações e de transformações pragmáticas dos lugares sociais de exclusão sistemática, que nossa sociedade altamente estratificada cria e impõe à pessoa idosa.

## Da construção de heterogêneos campos existenciais da velhice

*Estar sendo. Ter sido* apresenta-nos o roteirista de roteiros cinematográficos que é Vittorio. Tal personagem também está instalada naquela velhice oficial (a tal fase dos 60+) e também sai de um grande centro urbano para viver o que considera seu último tempo, em uma pequena comunidade interiorana. É, pois mais uma personagem diaspórica, naquele sentido de sua inserção em contextos experienciais de inovações de vida tanto pessoal quanto coletiva.

A questão do lugar social da identidade tida como estranha, porque estranhada pela comunidade local que lhe perfaz a rede de coexistências, como ocorre com a Senhora D, é recorrente também aqui. No entanto, existem diferenças que marcam a singular condição do gênero masculino, afirmada e, ao mesmo tempo, questionada de modo sistemático por este protagonista.

Vittorio debruça-se sobre sua condição de velhice instalada e a experimenta de modo visceral. Seu corpo envelhecido, formado por vários vetores de subjetivação e pelas inevitáveis e inusitadas particularidades fisiológicas, não mais lhe obedece como outrora. Sente e se resente dos dentes que se enfraquecem e caem, que os cabelos embranquecem, raleiam e caem, que as pernas lhe tremem, que seu órgão sexual parece inativo, que sua autonomia e independência accionais<sup>1</sup> tomam formas desconhecidas, que seu raciocínio não produz de modo tão eficiente o trabalho pelo qual conseguiu sustentar a si mesmo e a sua família, construindo sua identidade profissional e criativa.

Nesse contexto, observamos como suas insatisfações e medos vão aumentando gradativamente, no curso de sua narrativa feita pela potente intersecção entre subjetivação do enunciado e subjetivação da enunciação,<sup>2</sup> até que se alcance o clímax de desespero e de inação semelhante ao da morte de física que, no caso da narrativa hilstiana, é representada frequentemente mais por uma ambiência semântica plurissignificativa do que por uma referencialidade exata; mesmo que a finitude física seja realmente pontuada. Vejamos como o jovem velho senhor percebe-se a si mesmo nesta fase:

---

<sup>1</sup> Papaléo Neto, M. (2012). O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, E.V., Py, L., Neri, A.L. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara & Koogan.

<sup>2</sup> Vale aqui uma reflexão sobre os planos constitutivos do texto literário, que é composto pelos níveis da estória, do enunciado e da enunciação. Teríamos que estória é aquilo que se conta; enunciado, a estória articulada por algum discurso; e enunciação, as condições pragmáticas de produção e de recepção do discurso articulado de modo, aqui no caso, literário, são realidades conceituais propostas pelo narratólogo francês Gérard Genette (1972). Nessa fase de suas pesquisas sobre aspectos estruturais das narrativas, o autor ainda utilizava predominantemente uma metodologia de pesquisas imanentistas quanto aos textos literários. No entanto, usamos aqui tais conceitos inseridos já na ideia de que qualquer textualização pode/deve ser vista em seus aspectos formais, funcionais e disposta em uma perspectiva intersistêmica. Assim, as subjetividades do enunciado aparentemente fechado, de nossas narrativas em estudo, é movimentada/deslocada/transformada também pelas subjetividades presentes nos modos de enunciação, como aqueles do receptor dialógico. Ou seja, produtor do texto imbrica-se tanto com o texto produzido (seja de que gênero textual for) quanto com as subjetividades produzidas em tais textos e naquelas receptoras e coprodutoras. Dinamiza-se e torna-se dialético tanto a produção quanto o texto em si e, também, a recepção transformadora de tais textos por aqueles que podem ser leitores ativos e historicamente reconstrutores constantes do material recebido.

ando mal das pernas. Júnior e Matias dizem que penso que não posso andar. Comprei uma linda bengala, a cabeça de um tigre de prata na ponta, puxa-se a cabeça e sai uma linda espada, comprei muletas de mogno, e uma cadeira de rodas que não só vai pra frente e para trás, mas rodopia, para com precisão sem te lançar pra fora, e se alguma coisa emperra, toca uma musiqueta, uma espécie de minueto... a mesma fábrica que faz a cadeira deve fazer caixinhas de música e naturalmente tem a mesma coisa para as duas coisas. Algumas manhãs acordo muito mal, as pernas bambeiam muito, fico parado tremelicando, aí dou aquele grito MATIAS, e ele vem com o álcool e cânfora dentro da garrafa e me esfrega vigorosamente as pernas. Matias é um santo, só não suporto as amantes dele...<sup>3</sup>

Um notório e quase estereotipado quadro da velhice, destituída de autonomia e de independência em relação à sua gerência pessoal e interpessoal, vai se consolidando e é detalhadamente representada pela própria voz enunciativa de quem sente tal fase da vida em seu próprio corpo.

A própria voz da pessoa envelhecida nos é dada, junto a uma disposição enunciativa cheia da vontade, apesar de movimentos erráticos, de compreender como tal quadro vivencial é disposto na coexistência com várias outras personagens que estão no seu entorno relacional.

Imediatamente, percebemos que esta velhice não é semelhante<sup>4</sup>, como já mencionamos, àquela da obscena Senhora D. Vittorio procura sentir, de forma quase clínica, e descrever elementos e sintomas que configuram sua senescência. Esta atitude parece inclusive separar o que seria o quadro natural de tal senescência daquele quadro patológico, movido pela comorbidade que usualmente acomete as velhices mais adiantadas.

---

<sup>3</sup> Hilst, 2013, p. 28.

<sup>4</sup> Papaléo Neto, M. (2012). O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, E.V., Py, L., Neri, A.L., et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara & Koogan.

De modo grotesco e surrealista, o que também marca uma dimensão da narrativa hilstiana, em algumas circunstâncias e de modo quase científico em outras, ficamos sabendo que esse velho senhor sente o frio da possível morte psicofísica chegar, o que talvez até lhe embaralhe os limites do estado de senescência que, de fato, vive com aquilo que poderia ser considerado, ao menos pelas pessoas que o cercam, como estado de senilidade precoce, causadora dos equilíbrios que as relações interpessoais exigem do agente social.

Tal sensação parece um tanto estranha, pois este velho está com apenas sessenta e cinco anos; idade que, em nossa sociedade de país economicamente emergente, por exemplo, já poderia significar uma fase de velhice inicial e não terminantemente final, como era amplamente considerada em contextos histórico/demográficos de outras épocas. Apesar desse dado, nosso velho ressent-se de modo intenso e resistente em relação a esse agenciamento territorializado que o campo da velhice normativa, aquela de plano universal de classificação, lhe impõe. Vejamos exemplos disto:

não quero mais nada, Hermínia, já sabes, só penso na morte, nos meus ossos lá embaixo, no nada que serei (tu, um dia, também, isso me consola, se só eu é que ficasse solitário lá embaixo seria demais mim) às vezes penso em mandar fazer um projeto do meu túmulo, talvez uma belíssima mulher com uma coroa de ônix na cabeça ou nas mãos... vai custar caro, ônix é caro, mas gosto do macio da lisura, um ônix negro... vou ter saudade da casa, dos cães, dos gansos, às vezes me deito no jardim, deito-me de bruços, depois começo a engatinhar e alguns pequenos gansos e alguns pequenos cães me rodeiam... e eu choro, Hermínia, choro do velho que estou ou que me sinto, choro porque não sei a que vim, porque fiquei enchendo de palavras tantas folhas de papel... para dizer o quê, afinal? do meu medo, um medo semelhante ao medo dos animais escoraçados, e pânico e solidão, e tantas mesas tantos livros tantos objetos... esculturas, cerâmicas, caixas de prata... aliso-me, e minha pele está cheia de manchas e meio amarela. Matias insiste que sou vermelho. não sei o que é, mas sinto que devo ir a algum lugar onde encontrarei alguma coisa.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Hilst, 2006, p. 29.

“Mas sinto que devo ir a algum lugar onde encontrarei alguma coisa” é uma constatação de que o corpo moribundo, de modo precoce, junta esforços para compreender o que lhe acontece e resiste à massificação e ao controle exclusivamente externo de sua condição de pessoa idosa. Mesmo com tonalidade trágica, quanto à proximidade da morte física e daquelas simbólicas, que no caso seriam realmente prematuras e possivelmente contornáveis, Vittorio não se abandona ao isolamento casmurro e autorreflexivo por completo. Observamos como ele monta meticulosamente uma sagaz engenharia capaz de produzir quadros eficientes, apesar das irrupções distópicas, escatológicas, grotescas e cínicas, que ele, por vezes, impõe às suas relações interpessoais.

No espaço diaspórico da casa de praia, mesmo adquirindo o hábito de dormir em sua biblioteca (lembremo-nos, a título de comparação, de que Hillé, de *A obscena senhora D.*, dormia no vão da escada), Vittorio insiste em demandar esforços, mesmo com denegações e inversões de sentidos, para coexistir de modo efetivo com um vasto grupo de pessoas, de animais e demais seres que entram como agentes básicos nas negociações construtivas de possíveis condições para autonomia e independência de pessoa idosa.

Sobre tais pessoas que lhe movem a coexistência salutar, vemos que algumas realmente fazem parte de sua rede antiga de relações familiares, sejam entes referenciais, imaginados e atualizados por enunciações desterritorializantes<sup>6</sup>; enquanto outras fazem parte de vários livros que Hilda Hilst escrevera até então. Além de também figuras históricas da vida da escritora e de vários autores literários, e demais artistas, com construções ficcionais, ou também de natureza predominantemente factual, que funcionam como intrincado e dialético solo hipotextual<sup>7</sup> para esta que é sua última textualização literária.

O grupo de coexistência cotidiana, seja real, imaginada ou atualizada por estes dois registros, que é constituído de modo provisório, mas também com densidade pragmática, em torno deste velho, é surpreendentemente grandioso, seja do ponto de vista quantitativo quanto do qualitativo.

---

<sup>6</sup> Tal conceito é tratado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra *Mil Platôs*, 1995. Ele faz parte de uma trama conceitual maior sobre processos de subjetivações na contemporaneidade.

<sup>7</sup> Hipotextual aqui é considerado como aquele fenômeno discursivo no qual os discursos são produzidos em relação direta ou indireta com os demais textos que a cultura dispõe aos autores.

Temos o irmão Matias, o filho Júnior, a companheira Hermínia e outras figuras que, mesmo aparentemente periféricas, possuem sua hora e sua vez nas negociações de produções possíveis com os sentimentos, os desejos e a inteligência carnavalizados, mas que mantêm o notório cunho de existência possível e prática, de Vittorio.

Observamos, para análise mais fundada, o vasto núcleo de seres humanos de variadas naturezas socioculturais, tais como: Luciano, Óroxis, Luciana-Juno, Licina, o pai de Licina, Lurdinha, Hillé, Kadosh, Rosinha, Domingas, Martinha, Olga, Dom Déo, Maria do Egito, Raimundo, Tio Luís, o Cara-Mínina (em um dos múltiplos deslocamentos que o protagonista faz da figura da divindade hebraico-cristã), Cordélia, Crasso, Ovídio, Mora Fuentes, a avó Belandina, Balzac, Bovary, Kramer, Oscar Wilde e, sobretudo, a figura de um pai com intensa simbologia que é Augusto, disposto simultaneamente na metáfora e na metonímia de um pai histórico da escritora, que também pode ser Apolônio de Almeida Prado Hilst.

Provavelmente não encontraremos facilmente uma narrativa literária protagonizada por uma pessoa idosa que é rodeada, de modo real e/ou imaginário, por tantas pessoas. E o caso torna-se mais singular quando sabemos que velhices normativas quando em desencontro com a ordem estabelecida, normalmente são jogadas em lugares de contensão, de invisibilidade e de perigosa solidão.

Tais relações de vasta rede interpessoal são complexas, pois várias destas pessoas que montam o campo interpessoal de Vittorio é fruto, como observamos, de suas leituras de variadas obras literárias, de seu trabalho com os roteiros cinematográficos, de suas vivências familiares da infância e adolescência e de suas relações institucionais de pessoa adulta. Assim, percebemos como este velho não está completamente sozinho, como uma primeira leitura pode nos fazer crer.

No entanto, as pessoas do seu entorno existencial também podem funcionar de modo iconoclástico. E algumas funcionam bem na dinâmica do panóptico<sup>8</sup>, seja aquele exterior ao sujeito ou aquele já integrado em seus processos de subjetivação.

---

<sup>8</sup> Panóptico é um dos já clássicos conceitos sistematizados por Michel Foucault (2001; 2009), para refletir sobre dispositivos de vigilância e de controle que instituições de poderes estabelecidos produzem para padronização biotecnológica de subjetividades em nossas sociedades modernas e contemporâneas.

Tal dispositivo, que é vigilante, fiscalizador e mantenedor dos comportamentos modeladores, também conforma diuturnamente o campo da velhice no qual Vittorio está irremediavelmente inserido. Tal campo talvez seja mais piedoso com ele, em função de sua condição masculina.

Nesta altura, pensamos sobre outra variável do caso: identidades masculinas envelhecidas têm um campo de disposição accional mais aberto para posturas ativas do que aqueles campos construídos e impostos às identidades femininas envelhecidas? Poderíamos pensar que tal fase da evolução humana é feita por características universais e que a velhice não permite individualizações e singularidades subjetivas? No entanto, quando comparamos Vittorio com Hillé, de *A obscena senhora D*, percebemos de imediato que os rigores e disfuncionalidades, tanto psicofísicas quanto sociopolíticas, são mais diretos e inclementes com os corpos femininos envelhecidos.

Vittorio só fica sozinho quando sofre crises severas de sensações e de raciocínio e afasta o grupo de pessoas que está ao seu redor. Os familiares e vizinhos não saem por conta própria. Ao contrário, estão acostumados ao exotismo e exigências exageradas que tal velho tem para com eles. No entanto, em momentos de crise intensa, afastam-se, sem, no entanto, deixarem preparado um quadro de cuidados essenciais que asseguram certo bem-estar para o velho.

Basicamente dividida em duas partes, a narrativa de *Estar sendo. Ter sido*, termina tais partes com uma rizomática estrutura genológica, em seu sentido de modalidades textuais. Se há certa ênfase na narrativa prosaica, mesmo que com intensos traços de a-significação, após o ápice do grande surto comportamental do protagonista, que praticamente entra em colapso psicofísico, e do ápice da segunda parte, que seria a presença de certa abnegação perante o irremediável da morte, vemos que a linguagem poética domina a atmosfera desta textualização literária.

Tal narrativa é terminada/coroada por um longo poema, de cunho alegórico e com traços de misticismo crítico e natural, montado por um denso devir-animal do protagonista/eu-lírico em mula que se coloca diante das forças imponderáveis, como que assumindo sua condição de falência humana após uma existência pessoal confusa, mas que parece ter gerado frutos sólidos para se reestruturar a rede pessoal e interpessoal de sua vivência egoica e de sua coexistência com meios sociais que lhe são adversos.



Ao contrário de agir como nossa tradição costuma planejar e exigir que a pessoa idosa haja, Vittorio insiste, na sua textualização de narrador-protagonista, em demonstrar seus fluxos e intensidades pertinentes ao princípio do prazer. Tenta agarrar-se a ações que conhece e que lhe deem certo domínio sobre o mundo ao seu redor, sobre si mesmo e sobre as forças que asseguram a vida de acordo com o que seria sua Vontade de Vida.<sup>9</sup>

De certa forma, seu comportamento proativo em relação à continuidade da condição de sujeito produtivo é um elemento marcante de sua velhice secundária. Como vimos em fragmento acima, por exemplo, quando é obrigado a usar uma bengala para lhe amparar as insuficiências físicas, trata logo de comprar uma bengala que simboliza a força psicofísica diferenciada, já que seu cabo tem a cabeça de um tigre, animal dos mais capazes e ferozes da natureza, e que tal instrumento também possa funcionar como uma espada.

Vittorio seria, pois, um sujeito semelhante a um velho tigre que ainda luta por manter sua potência de luta? Mesmo sentindo os passos da morte próximo de si, saberia inventar jogos e negociações para protelar ou controlar a situação. De início, parece que sim, pois o vemos produzindo várias situações típicas de sujeitos em plena fase de produção de capitais variados, tais como: planejar seduzir sexualmente as juvenzinhas ao seu redor, manter o domínio de seu núcleo familiar, montar e consolidar as narrativas de amigos e de pessoas que lhe passaram pela vida, imaginar e encenar talvez o teatro que envolve seu casamento com Hermínia, bem como a suposta triangulação amorosa na qual obriga a ex-mulher a ficar; enfim, uma série de atividades nos é mostrada e que diferenciam esta pessoa idosa daquele estereotipo da pessoa idosa fraca e desvalida.

A Vontade de Vida e o erotismo fundador de universos existenciais, tidos como força vital que mantém o corpo em movimento de construção constante, são-lhes ainda de presença vívida e exigentes de sua participação. E isso é talvez o que cria uma constante de atritos entre os protagonistas e as pessoas que estão a sua volta.

---

<sup>9</sup> Tal conceito é advindo da filosofia de Arthur Schopenhauer (2012), em seu seminal ensaio sobre a morte. É quando aborda o papel da síntese inclusiva disjuntiva, que há de modo ontológico entre o princípio de vida e o princípio de morte, nos quadros de tentativa de compreensão e de vivência do fenômeno que é a morte física do ser sensível e pensante. Tal reflexão é retomada sistematicamente por Sigmund Freud (1985, 2013), em toda sua obra de psicanálise clínica e/ou metapsicológica, para reflexão e tentativa de compreensão sistêmica dos sintomas psicossociais que acometem a humanidade, muito em função desta contradição filogenética e ontogenética advinda deste campo paradoxal do contexto afetivo e ideacional.

Mesmo tido como estranho, Vittorio é relativamente tolerado pela sua rede de vivência interpessoal. Normalmente a outridade normatizadora e excludente, apesar de enquadrá-lo como um estranho suspeito, tem respostas comportamentais para ele. No entanto, em certas circunstâncias, aquelas nas quais os desejos do velho são expostos de modo veemente, há a presença de respostas negativas e de contra-ataque. Como se dissessem que aos velhos já não cabe tanta Vontade de Vida e que devem aceitar de modo civilizado o desligamento de suas funções psicossociais.

Matias, o irmão de 45 anos, e Júnior, o filho adolescente, de vez em quando são capazes de pronunciar sintéticas opiniões e judicações negativas ao que seriam os excessos comportamentais de Vittorio. Não se alongam em tais posicionamentos, porém deixam claro que o parente envelhecido, por vezes casmurro e grotesco, costuma ultrapassar os limites das liberdades criativas que lhe poderiam ser permitidas.<sup>10</sup> Mesmo que não tão quantitativamente fortes como seguimos no caso da senhora *D.*, aqui o aspecto qualitativo de tais julgamentos negativos parece até mesmo que intensifica as debilidades corporais e mentais de Vittorio. Sua sensação a respeito de uma possível morte breve consolida-se e, aí sim, seu fluxo desejoso de erotismo sexual ou erotismo para efetivar concretamente quaisquer outras atividades que possam mantê-lo vivo, parece que se enfraquece de modo alarmante, como acompanhamos em reflexões, aparentemente feitas por um fluxo de consciência:

Aí é:  
Imagem sol  
Imagem esfera  
Monto  
Agora sobre o teu dorso  
Ereto  
Planisfera una e vertical  
Plena  
Umasomúltiplamatéria.

---

<sup>10</sup> Simone de Beauvoir (1990) no longo e explicativo capítulo *A velhice nas sociedades históricas*, trata de nos detalhar os enfrentamentos intergeracionais entre adultos, em fase de produtividade padrão, e a pessoa idosa por espaços e condições de poder. A autora nos pontua que a maioria das sociedades ocidentais, do mundo antigo aos nossos mundos contemporâneos, criam valores e regras civilizacionais produtoras de lugares e condições bastante pragmáticas para a exposição, aceitação e efetivação dos desejos das pessoas idosas. Por exemplo, os gregos antigos não admitiam que suas pessoas idosas se mostrassem em público, ou mesmo em foro privado, e lutassem para satisfazer seus desejos sexuais, seja por pessoas mais jovens, seja por pessoas de sua faixa etária. No caso, desejos libidinosos, no campo do erotismo corporal, seriam um patrimônio/ ou possibilidades de experiências de pessoas adultas, com lugares sociais ainda privilegiados do ponto de vista da economia dos desejos e produções possíveis. Assim, se consolida tanto um lugar social para esse agente social, a pessoa idosa, quanto formas de se manter esse lugar social controlado por princípios morais, éticos e até mesmo estéticos que, no correr dos séculos, continuam atuando em nossas formações discursivas e, em decorrência, em nossas práticas e comportamentos cotidianos; sendo que disso é usual que não tenhamos consciência.

Pensar que isso sou eu. E o morto que há em mim. O roto. O decomposto. Alguém lá dentro me diz que estou sendo injusto. Que há mortos muito mais putrefatos, a cara expelindo ranço e desgosto, que aquele, o Oscar: o Fingall, o O'Flahertie Wills, aquele, o Wilde, quando morreu, tudo estourou dentro dele, que o estômago explode, é o que dizem quando se está na pira, na Índia talvez, e ouve-se uma explosão a muitos passos dali. Eu e minha “intensa fisiose”, como dizem os médicos, o que você come, hein, um saco de ventos? Engoliste, Vittorio, o fole de pele de boio onde Éolo guardava os ventos?<sup>11</sup>

Ao lado de vislumbrar a condição rizomática com as demais pessoas a sua volta, Vittorio medita, mesmo que de modo enviesado, sobre sua morte, as mortes alheias e exercita-se para o momento que julga inalienável. Dessa forma, poderíamos pensar entrega-se ao niilismo da condição de envelhecimento inativo na qual se encontraria. Os dados comportamentais e suas consequências nos indica que realmente está no fim da linha e sem ver luzes consoladoras no fim do túnel, mesmo que compare a suposta gravidade de seu caso com vidas que historicamente tiveram e ainda têm uma cota de sofrimento realmente intensa.

O fragmento acima misturou gêneros narrativos, prosa e poesia, em uma daquelas espécies de anacolutos que produzem uma carga semântica polivalente, o que é próprio do texto literário que, mais do que oferecer respostas para grandes perguntas, tenta mobilizar seu corpo para tornar seus potenciais leitores em sujeitos capazes de questionar e montar suas hipóteses semânticas no jogo cultural e políticos das enunciações literárias em constante curso. Nesse jogo, acompanhamos um dos mais intensos protagonistas de nossa literatura em suas tentativas de compreensão do seu estado de velhice e de sua vontade em continuar a criar estratégias de sobrevivência e de coexistência dialógica, mesmo que com registros de inversão de sentidos e de várias denegações que lhes protegeriam a capacidade de ação e intervenção, tanto em seu foro íntimo, quanto em sua rede interpessoal.

---

<sup>11</sup> Hilst, 2003, p. 82.

Envoltos pela moldura desta narrativa, que é a última de Hilda Hilst, como já mencionamos, ficamos tentados a nos fazer algumas perguntas, neste salutar processo de leitura teórico-analítica a que tentamos dar corpo. De fato, homens idosos possuem dispositivos autoprotetivos de melhor eficácia nesse contexto psicossocial de evolução humana? Mulheres idosas são tratadas, apesar de sua notória maior longevidade, com maior inclemência por uma sociedade que ainda não consolidou modos relacionais que lhes amparem e respeitem a dignidade de sua faixa etária. Ou haveria certo universalismo na constituição de tais subjetividades, independentemente de época, espaço e sociedade, nos quais subjetividades constituem-se constantemente em identidades pontuais?

Independentemente destas perguntas e tentativas de respostas, acompanharemos mais a frente, como tais personagens literárias, predominantemente compostas no espírito da estratégia de uso do biografema, esforçam-se sobremaneira para a construção de mecanismos que as protejam das consequências debilitantes e até mesmo destrutivas que sua condição de velhice, via reação dos agentes sociais a sua volta, acarreta-lhes.

Para um quadro mais amplo e complexo, juntaremos a estas duas personagens, a senhora D. e Vittorio, a adulta Agda, protagonista do conto homônimo. Agda não se isolou no vão de uma escada. Agda não dorme em sua biblioteca. Agda não é ainda uma pessoa idosa, de acordo com parâmetros oficiais que demarcam tal condição na faixa etária dos 60+, como já abordamos neste estudo. Agda é uma mulher que beira os tais 60 anos e que, no entanto, sente o processo de envelhecimento psicofísico e simbólico colado visceralmente a sua existência. Agda, tal como a escritora Hilda Hilst, mora em um sítio. Está apartada, de certa forma, dos aparatos de produtividade contemporânea dos grandes centros urbanos. Agda cultiva respeitosa suas relações com o mundo natural, tanto com os animais como com o mundo vegetal e mineral. Agda costuma esperar o fantasma de seu pai, que passeia pelas tardes, por debaixo de uma frondosa figueira elástica que sombreia mágica e pragmaticamente parte do terreno de seu sítio. Agda também insiste em manter ativo o fluxo de seus desejos, sensações, afecções e inteleccções.

## **Entre paredes derruídas: dos movimentos da memória ativa e dos exercícios para a morte**

O conto *Agda*, da coletânea *Kadosh*, talvez seja a narrativa literária na qual acompanhamos com maior proximidade as linhas de força estética e temática que estruturam a obra poética de Hilda Hilst. Estão nele dados e referências marcadamente autobiográficas que, ao contrário deste já convencional gênero textual, é nos disposto de modo densamente arquitetado. Com sua recorrente hibridização de vozes enunciativas e intrigantes e complexos vasos comunicantes que baseiam os heterogêneos planos accionais, e em cronotopia que beira a a-significação referencial<sup>12</sup>, acompanhamos uma senhora beirando seus sessenta anos, meditando e preparando-se para a morte que seu processo de envelhecimento parece lhe apontar.

O conto, apesar de roteiro relativamente simples e breve, apresenta-nos esta mulher madura em instante de crise com seu desejo de amar um rapaz mais jovem e, sobretudo, no instante em que pessoas a sua volta, como sua mãe e seu médico, alertam-lhe para o fato de que já é uma mulher próxima da velhice e que deve se portar como o *habitus*<sup>13</sup> do campo da pessoa idosa lhe exige.

Sua adequação a tal campo parece, no entanto, que não ocorre de modo tranquilo, pois sua atenção quanto ao presente fragmenta-se, levando-a para variados e diferentes tempos passados. Período esse, de convívio infantis e adolescentes com seu pai e sua mãe. Dessa forma, há na narrativa como que uma amalgama temporal ilógica, na qual os tempos convivem quase que de modo simultâneo.

Vejamos umas das situações iniciais, na qual Agda consulta-se com seu médico e recebe o fatídico diagnóstico da chegada e possível consolidação da velhice. Velhice esta, mesmo que precoce, já lhe desloca as perspectivas tanto do presente fugidio quanto do futuro que lhe será fortemente afetado.

Alguém lhe toca, minha senhora? Mil perdões, senhora, não quis dizer, luvas quem sabe, ajudariam? Mil perdões, senhora, não quis dizer, enfim quero dizer que para revitalizar essa espécie de flacidez, assim na sua idade, cinquenta? Cincoenta e cinco?

---

<sup>12</sup> A-significação é um dos aspectos que compõe o conceito de rizoma, juntamente com as características de multiplicidade, heterogeneidade, conexão e cartografia móvel, propostas por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995).

<sup>13</sup> Bourdieu, 1981, p. 57.

Enfim essa espécie de flacidez não tem solução, minha senhora, a música erudita, quem sabe... seria uma distração... a música erudita lhe é indiferente? Não, pelo contrário, doutor, gosto muito, Stochausen e, Verdade? Stokhausen está bem, mas quem sabe se Scarlatti não será melhor? Fugas concertos quinze cantatas? Alguém lhe toca minha senhora? Ele disse isso. Tocaram-me sim, meu pai tu me tocaste, a ponta dos dedos sobre as linhas da mão, o dedo médio sobre a linha da vida, dizias Agda, três noites de amor apenas, três noites tu me darás e depois apertaste o meu pulso e depois olhaste para o muro e ao nosso lado as velhas cochichavam filha dele sim a cabeça é igual, os olhinhos também, bonita filha toda branca.<sup>14</sup>

O profissional da saúde age de modo determinado e com excessos de pragmatismo em seu diagnóstico e prognóstico. É o típico profissional formado pelo ímpeto de medicamentação do corpo humano<sup>15</sup>, objetivando assegurar-lhe condições mínimas de bem-estar fisiológico. Tais corpos humanos lhe são oferecidos como um dispositivo maquínico que, se adequadamente controlado, pode ainda ter sua capacidade de produtividade assegurada, mesmo que em patamares mínimos.

Longe da organicidade humana em toda sua complexidade, a paciente é alertada para a condição que começa a instalar-se em sua vida. Não é ainda velha, mas também já não é um corpo feminino de existência e de produtividades confiáveis. Há de ser tomar autocuidados, adequar-se a regimes comportamentais que promovam o que seria aquela sobrevida, pela qual teria de lutar e manter.

---

<sup>14</sup> Hilst, p. 2002, p. 21.

<sup>15</sup> Sobre os aspectos dessa medicamentação, acompanhamos o trabalho de Michel Foucault (2001) e Norbert Elias (2009).

No entanto, como podemos acompanhar no final do fragmento literário acima, apesar do quadro que exige plena atenção de Agda, o narrador-protagonista-autorial desloca-se sintomaticamente para o campo perceptivo do narrador-protagonista-actorial,<sup>16</sup> dando curso a devaneios que só as profundezas de sensações e afeções paradoxais da protagonista são capazes de propiciar. Agda lembra-se de sua infância, da loucura de seu pai, dos comedimentos valorativos de sua mãe, do envolvimento erótico que tivera com o pai, com a morte deste pai; e, principalmente, com os amores e planos para o futuro que o pai lhe tentara prever, quando em estado de lucidez hibridizada por desvarios e percepções sobre formas de vida possíveis.

A triangulação amorosa canônica parece encaminhar o mote do conto para o âmbito de um Complexo de Édipo não resolvido. Uma espécie de romance familiar supostamente toma conta da situação do presente conflituoso no qual a mulher amadurecida se encontra. No lugar do rapaz mais jovem, com quem deseja manter relações amorosas, surge a figura do fantasma do pai enlouquecido e morto precocemente, sendo responsável por reequilibrar ou dar outro curso qualquer ao estado crítico vivencial no qual sua amada filha se encontra.

A densidade de poesia a-significante é um tanto asfixiante nesta narrativa quase que testemunhal. E isso ocorre mesmo quando sabemos que Agda não é uma velha decrépita e palco de todas as comorbidades usuais e de todo o corolário que envolve pessoas em estado de velhice avançada.

O que seria capaz de criar esta condição de envelhecimento que beira às tragédias antigas? Haveria realmente algum princípio social ou histórico que determinaria de modo cabal que uma mulher amadurecida, quando não resolvesse alguns conflitos em relação aos laços sanguíneos, fosse incapaz de planejar um futuro suportável quando sua velhice chegasse? Os sacrifícios, representados por certo isolamento geográfico em seu sítio, bem como as moderações que tal contexto acarreta, não seriam suficientes para a possível e tranquila construção da velhice?

---

<sup>16</sup> Jäap Lintvelt (1989, pp. 79-90) reflete sobre a focalização narrativa homodiegética. A respeito desta estratégia discursiva literária, o autor considera duas divisões que seriam: a do narrador homodiegético autoral, aquele que, semelhante ao onisciente, teria conhecimento integral e atemporal sobre a sua própria estória, mas com certo distanciamento vivencial e judicativo; e o homodiegético actorial, aquele que mistura suas sensações, emoções, saberes e vivências com o protagonista, que é ele mesmo no passado. Haveria uma imbricação, pois, entre os tempos, as vivências e as variadas possibilidades de subjetivações que envolvem tal focalização. Do ponto de vista de tais subjetivações, teríamos que de tal processo de composição heterogênea de fenômenos humanos, surge o que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), no campo da Filosofia que reflete sobre a ontologia do fenômeno humano disposto no tecido social, tratam como identidades transversais.

A narrativa literária de Agda não está certa de tais apaziguamentos possíveis e, por que não poderia estar?

A esta mulher madura, é como que imposta, via decorrências do panóptico da tradição médica e o da tradição familiar, a necessidade de meditar prematuramente sobre sua velhice e sua morte. Ela não está tão sozinha como a obscena senhora D, nem tão envolta por pessoas, como o velho Vittorio. Ao seu lado vemos as movimentações, referenciais e imaginárias, de sua mãe, dos funcionários e visitantes de seu sítio, da imagem do impossível rapaz amado, do seu médico, e de pessoas que perguntam sobre o trágico desfecho ocorrido no tal sítio. Assim, há um esboço em se aparatar com armas suficientes para os tais exercícios existenciais sobre o fenômeno que lhe pode definitivamente interromper o fluxo da vida.

A meditação e os exercícios para o que seria uma boa morte nos são descritos, de modo detalhado e crítico, por Michel Foucault, em um dos seus últimos trabalhos em vida, que é o livro *A hermenêutica do Sujeito*.<sup>17</sup> Nesse ponto, como que em um coroamento precoce (pois o autor falece no ápice de sua maturidade) de seus desdobramentos epistêmicos de base arqueológica e genealógica, este pensador e ativista do campo das Ciências Humanas, Sociais, Linguagens e Artes, oferece-nos um quadro histórico e crítico de práticas de biotecnologia, (nos aspectos da governança dos corpos vivos e do papel de instituições molares e moleculares em tais processos. Material reflexivo e base para estratégias da razão prática, com viva penetração em nossas práticas sociais e coletivas contemporâneas.

Sobre a morte, *grosso modo*, meditaríamos e exercitaríamos então no viés da tranquilidade possível e experimental frente a um fenômeno inevitável ou nos posicionaríamos de modo preocupado com as providências de controles e de equilíbrios para um bem-estar e polidez comportamental para com nossas personalidades individualizadas e para a coletividade na qual estamos inseridos.

---

<sup>17</sup> Neste conjunto de aulas dadas por Foucault, em seus últimos anos de vida, e que acompanhamos aqui em edição de 2006, encontramos um denso, detalhado e crítico estudo que o ocidente fez sobre o fenômeno da finitude humana. O traçado sócio-histórico abrange predominantemente o mundo grego e romano antigos, no que tais mundos possuem de poder de nos influenciar contemporaneamente. Mais que levantar suposta poeira de livros antigos, Foucault traz as questões políticas que iniciam as engenharias do que o autor chama de biotecnologia de controle de contextos humanos. Constituição de subjetividades, desejos humanos, produtividade humana e circulação de produtos formam a base do projetado interesse institucional em mapear, conhecer, controlar, e redirecionar nossos valores e comportamentos tanto no campo institucional (dimensão molar, na qual os dispositivos de poder estão reunidos em instituições, formações discursivas, agenciamentos enunciativos conservadores e afins, segundo ótica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996)) quanto no campo das práticas cotidianas, as moleculares, que reproduzem modos existenciais padronizados, disseminados e descentralizados nos contextos produtivos de indivíduos alienados de suas competências produtivas; ou, ainda, que práticas molares e moleculares podem atuar em conjunto para reinventar tais cotidianos de acordo com novas vontades e permissões de novas engenharias.



No primeiro caso, teríamos condições para nos lançarmos em experiências que nos permitem certa flexibilidade nas regras do jogo. Ou teríamos flexibilidade em escolher procedimentos, ações, comportamentos e valores que nos permitiriam criar contextos de velhice e de finitude semelhantes ou dessemelhantes àqueles já padronizados e, que por vezes, não são suficientes para atender aos desejos e ídoles da heterogeneidade de subjetivações, nas quais estamos imersos de modo pragmático. No segundo caso, aprenderíamos a morrer de modo civilizado, educado, com toda a polidez que nossas sociedades foram capazes de construir no decorrer de sua evolução. Sendo que tal morte independeria de nossas reais condições de existência.

No quadro foucaultiano, a polidez do moribundo diante da morte é discutida e colocada em seu devido lugar, quando se respeita o direito de tal moribundo tomar o partido, na maior autoconsciência possível, que melhor lhe aprouver. Sequer nossas formações discursivas da vistosa medicamentação corpórea e nossas vorazes formações discursivas de judicialização comportamental e também corpórea, possuem o absoluto direito de nos mover os desejos e opções que podemos tomar em tais casos críticos. Somam-se a isso, os rigores desumanos de nossos valores, práticas e imposições doutrinárias e culturais advindas das formações discursivas de cunho religioso positivo. Esta última dimensão é bastante explorada nos textos de Hilda Hilst, porém não serão desenvolvidas neste nosso estudo, por questão de opção metodológica e temática.

Agda parece sucumbir facilmente a estas investidas sistêmicas de poderes conservadores e tiranos que se abatem sobre seu corpo. Em um destes ataques vemos como procura auxílio nas lembranças de seu passado. Tal passado, mesmo sendo conturbado pelo suposto Complexo de Édipo aparentemente não resolvido, poderia lhe trazer os apaziguamentos do pai que lhe devotava amor incontestado. No entanto, essa volta no tempo acabaria por enraizá-la mais ainda nas exigências do seu tempo cronológico do presente, pois tal dinâmica temporal de passado alimentando presente e vice-versa também pode impedir o sujeito de se arrojarem na planificação de futuros possíveis.

A dinâmica memorialística desta narrativa, no entanto, não possui muitos elementos daquela dinâmica conservadora que prende o presente às tradições do passado.

Ela vai além, no sentido de colocar como que em miragem ou em brumas de certezas referenciais os fatos do passado, que são vivificados pelas contradições do presente.

As lembranças do passado, assim, não possuem aquela firmeza de fatos, dados e informações semelhantes aos saberes positivos que conformam os oficializados arquivos de informações. Nisso, a linguagem poética possui papel de destaque, pois sua natureza polissêmica limita a formação definitiva dos saberes de arquivo, obrigando que as lembranças produzidas fiquem plasmadas com os estupores dos desejos irresolutos, que mobilizam o tempo presente.

Assim, ao mesmo tempo em que valores conservadores tentam sobredeterminar as subjetivações rizomáticas de Agda para que ela se mantenha detida no espaço do resguardo e controle do desejo e na espera definitiva da velhice e da morte precoce, também podemos observar que esta mulher madura clama por espaços libertários. O que passa pela ativação da completude funcional de seu corpo físico e social, nos quais a morte, se inevitável, talvez seja ao menos mais sentida (quando não compreendida) em grau maior de complexidade constitutiva.

Retomamos, nesse ponto, aquelas observações que fazemos aqui de modo recorrente. De tão originais e intensas que são as textualizações literárias de Hilda Hilst, realmente nos vemos frente a frente com uma realidade artística na qual não diferimos como seria de se esperar, em qualquer texto que expressa vivacidade em sua enunciação, forma de conteúdo. Quando a protagonista vê-se frente às exigências das tais meditações e exercícios estoicos sobre/para a velhice e para a morte, a linguagem utilizada pelas vozes enunciativas tomam vida própria. E vida de uma força capaz de conseguir reconstituir os movimentos das intensidades e fluxo freados pelos poderes molares e moleculares de contenção, controle e vigilância dos desejos de produtividades heterogêneas.

Vejamos um exemplo desta quase litania a liberdades possíveis:

Para o meu corpo um funeral e para a VIDA GRANDE DO DENTRO, ESSA INTEIRA VIVA, o quê? Agda é assim: ESSA INTEIRA VIVA não acompanha o corpo, essa é intacta, nada a corrompe, ESSA INTEIRA VIVA tem muitas fomes, busca, nunca se cansa, nunca envelhece.<sup>18</sup>

O corpo feminino, lançado no desconhecido da velhice, resiste às normatizações que lhe são impostas, e a linguagem usada, para também corporificar tal subjetivação, reflete as vibrações de seu erotismo multifacetado, aquela energia não apenas expressa em nossas relações sexuais físicas, mas qualquer energia capaz de criar universos vivenciais inovadores ou de reconstruir novidades através, e apesar, das tradições. Surrealismo, *non sense* aparente, contextos e sentidos absurdos, e carnavalização expressiva refletem e são refletidos por esse quadro, além de fazerem-no vibrar com potência de transformação, que poderia somente significar a aceitação passiva diante de realidades não compreendidas ou imperiosas em sua exigência de obediência.

Vejamos como tais deslocamentos de gozos e de sofrimentos, que *a priori* não poderiam ser evitados, constroem a enunciação poética de uma não aceitação passiva da morte, como realidade típica de qualquer fase do envelhecimento e da velhice; fenômenos que deveríamos plenificar de modo polido, subserviente e adequado:

CAVO. Constância. Fundura de dez braçadas. Lodo na cara. Tenho ares de alguém semi-sepulto. Um ouro que não vem. Nem o reflexo. Bom que seria luz amarelada dourando os caracóis, as larvas, a minha mão. Bom que seria recompor palavras, cruzá-las, dizer da luz filtro cintilante facetado, dizer do escuro entranha apenas, dizer da busca o que ela é, buscador e buscado, revelar os dois lados, aqui te vê, aqui sou eu te vendo, a órbita gozosa estilhaçando medos, aqui quando eras criança sobre a murada, escondendo a cara, luz te crestando a pupila, pálpebra violeta se encolhendo, braço antebraço vértice do cotovelo apontando aquela que te fotografa.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Hilst, 2002, p. 19.

<sup>19</sup> Idem, ibidem, pp. 28-29.

O final deste conto nos traz de imediato a sensação da falência de Agda, pois ela, aparentemente de modo obediente, foi capaz de cavar sua própria sepultura, impulsada pelas diretrizes do saber-morrer-de-modo-elegante. Esta possibilidade de desfecho, mesmo que traga aquela espécie de delírio na qual o rapaz, amante impossível, molda-se à figura do pai verdadeiramente amoroso, pode ser acompanhada no fragmento:

e quando eu me deito o rosto fica mais liso, vou soltar os cabelos, e quando eu me deito parece que a boca fica sempre sorrindo, ficarei sorrindo e devo tomar cuidado na hora do gozo, nada de esgares, nenhum grito, apenas um tremor, e pelo amor de Deus, Agda, que as tuas narinas não se abram, não, não fico nada bem.<sup>20</sup>

Junto a essa entranha rendição ao mínimo de desejo satisfeito que se pode ter de modo fantasioso, Agda coroaria sua submissão ao que lhe é imposto; emitindo, como que, em último suspiro de vida, a contundente e também enigmática afirmação: “E nunca mais ninguém ME TOCARÁ, NUNCA MAIS NUNCA MAIS” (Hilst, 2002, p. 30).

Consideramos tal afirmação, feita em tom corajoso e desafiador, como uma abertura na enunciação literária que segue seu curso via contato criativo com seus leitores, para pensarmos também na construção de projetos alternativos para os temas que estamos estudando, que são o envelhecimento e a velhice dos corpos femininos, dispostos em intrincadas redes interpessoais.

Para concluir nosso estudo, resta-nos, ao menos temporariamente, tentar vincular tais subjetivações literárias e biografemáticas, as de Agda, as de Vittorio e as da Senhora D, em um panorama de identidades provisórias, à procura de soluções a problemas existenciais representados no campo literário e que escorrem indefectivelmente para nossas realidades cotidianas.

### **Considerações finais**

Este trabalho faz parte de nosso Pós-Doutorado em Estudos Literários e Culturais, concluído na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG.

---

<sup>20</sup> Hilst, 2002, p. 22.

Nesta pesquisa, tratamos também de representações e estratégias do envelhecimento e da velhice em Cora Coralina e Adélia Prado. Nesse estudo, que ora dispomos aqui, observamos que nas obras literárias de Hilda Hilst há uma densidade mais complexa sobre o tema do processo do envelhecimento em si e da velhice já instalada.

Hilda parece ter maior interesse pelo fenômeno das finitudes e infinitudes dessa fase da vida. E, apesar de certa perspectiva distópica, grotesca e cínica sobre tal fase, ela demonstra grande interesse em elaborar condições e estratégias accionais que transformem tais lugares sociais, para que os agentes sociais, predominantemente as pessoas idosas, tenham possibilidades de resistir e planejar novos contextos existenciais, frente aos dispositivos sociopolíticos que violentam e tentam excluir-lhes da rede interpessoal historicamente heterogênea e, indefectivelmente conectada.

## Referências

- Arriès, P. (1984). *El hombre ante la muerte*. Mauro Armiño, Trad. Madri (Espanha): Taurus.
- Barthes, R. (2007). *Crítica e verdade*. Leyla Perrone-Moisés, Trad. São Paulo (SP): Perspectiva.
- Bauman, Z. (2007). *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Miguel Serras Pereira, Trad. Lisboa (Portugal): Relógio D'Água Editores.
- \_\_\_\_\_. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama, Trans. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.
- Beauvoir, S.de. *A velhice*. (1990). Maria Helena Franco Martins, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Born, T. (Org.). (2008). *Cuidar Melhor e Evitar a Violência: manual do cuidador da pessoa idosa*. Brasília (DF): Secretaria Especial dos Direitos Humanos/ Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos.
- Bourdieu, P. (1974). *A economia das trocas simbólicas*. Sérgio Miceli, Trad. São Paulo (SP): Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1981). *Questões de Sociologia*. Miguel Serras Pereira, Trad.. Rio de Janeiro (RJ): Marco Zero.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Mariza Corrêa, Trad. Campinas (SP): Papirus.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, Trans. Rio de Janeiro (RJ): Editora 34.

- \_\_\_\_\_. (1996). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Aurélio Guerra Neto, et al., Trads. (vol. 3). Rio de Janeiro (RJ): Editora 34.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. Vol.4, São Paulo: Editora 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. (2004). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho, Trads. Lisboa (Portugal): Assírio & Alvim.
- ELIAS, N. (2001). *A solidão dos moribundos* (Seguido de *Envelhecer e morrer*). Plínio Dentzien, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar.
- Foucault, M. (2006). *A Hermenêutica do Sujeito*. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, Trads. São Paulo (SP): Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Microfísica do poder*. Roberto Machado, Org. e Trad. Rio de Janeiro (RJ): Edições Graal.
- \_\_\_\_\_. (2009). Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. (2ª ed.). (Coleção Ditos & Escritos III). Manoel Barros da Motta, Org. Inês Autran Dourado Barbosa, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Forense Editora.
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na cultura*. Renato Zwick, Trad. Márcio Seligmann-Silva, revisão e introdução. Porto Alegre (RS): L&PM.
- \_\_\_\_\_. (1985). Romances Familiares. In: Freud, S. *Obras Completas*. Jaye Salomão, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Imago (v. 9).
- Genette, G. (1972). *Discurso da narrativa*. Fernando Cabral Martins, trad. Lisboa (Portugal): Vega.
- Guattari, Gs. (1992). *Caosmose*. Ana Lúcia de Oliveira e Letícia Cláudia Leão, Trads. São Paulo (SP): Ed. 34.
- Hilst, H. (2006). *Estar Sendo. Ter sido*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Globo.
- \_\_\_\_\_. (2002). Agda. In: \_\_\_\_\_. *Kadosh*. São Paulo (SP): Globo.
- \_\_\_\_\_. (2001). *A obscena senhora D*. São Paulo (SP): Globo.
- Lintvelt, J. (1989). *Essai de typologie narrative de "point de vue"*. (2ª ed.). Paris (France): José Corti.
- Papaléo Netto, M. (2012). O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas, E.V., Py, L., Neri, A.L., et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara & Koogan.
- Py, L., & Trein, F. (2006). Finitude e Infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. In: Freitas, E.V.de, & Py, L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Schopenhauer, A. (2000). *Metafísica do amor e Metafísica da morte*. Jair Barboza, Trad. São Paulo (SP): Martins Fontes.

Recebido em 22/08/2015

Aceito em 30/09/2015

**Jorge Alves Santana** - Professor Associado II da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: [jorgeufg@bol.com.br](mailto:jorgeufg@bol.com.br).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2812435500901945>